

## OS SEPULTAMENTOS TUPI A PARTIR DAS FONTES BIBLIOGRÁFICAS PRODUZIDAS PELA ARQUEOLOGIA<sup>1</sup>

*Fabiane Maria Rizzardo<sup>2</sup>*

*Recebido em 04.10.2017; Aceito 06.11.2017.*

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre como as áreas de enterramentos e os achados humanos Tupi foram descritos, explicados e interpretados pela literatura produzida pela Arqueologia brasileira. Para isso, elenca - separadas por região a que se referem as escavações e, em seguida, pelo ano de publicação ou elaboração - as principais fontes bibliográficas que se interessam pelos sepultamentos das populações Tupi. Entre os resultados da reflexão, podemos destacar a necessidade de revisitar concepções já enraizadas nas produções arqueológicas, no que diz respeito aos enterramentos humanos, mas que são incompletas ou inconsistentes.

**Palavras-chave:** Dados mortuários; Sepultamentos Tupi; Fontes bibliográficas produzidas pela Arqueologia.

### Abstract

The present article aims to reflect on how the burial areas and the Tupi human findings were described, explained and interpreted by the literature produced by Brazilian Archeology. To this end, the main sources of literature that are interested in the burials of the Tupi populations are separated by region to which the excavations refer, and then by the year of publication or elaboration. Among the results of the reflection, we can highlight the need to revisit conceptions already rooted in archaeological productions, as far as human burials are concerned, but which are incomplete or inconsistent.

**Keywords:** Mortuary data; Tupi burial; Bibliographic sources produced by Archeology.

O presente artigo elencará as principais produções bibliográficas que abordam, de forma parcial ou exclusiva, os sepultamentos das sociedades Tupi para refletir sobre como as áreas de enterramentos e os achados humanos foram descritos, explicados e/ou interpretados ao longo dos diferentes momentos e contextos da Arqueologia brasileira. Assim, sempre que plausível, indicaremos a formação de cada pesquisador e o viés teórico e metodológico do mesmo, tornando possível abranger as nuances nas formas de compreensão e tratamento dos achados. Os artigos, teses, dissertações, livros e relatórios serão entendidos como fontes bibliográficas.

A fim de facilitar a compreensão, as produções serão abordadas por região a que se referem as escavações e, em seguida, pelo ano de sua publicação ou de elaboração. Os conceitos referentes à temática mortuária serão elencados no texto conforme constam originalmente nas fontes.

---

1 O artigo corresponde à adaptação do primeiro capítulo da Dissertação de Mestrado “Sepultamentos dos Mortos entre Antigas Populações do Tronco Tupi: Confrontando Arqueólogos e Cronistas Quinhentistas”, defendida, na UNISINOS, em agosto de 2017. Aqui foram omitidas as figuras que ilustram a versão original.

2 Mestra em História da América Latina, pela UNISINOS.

## Região Norte: O Caso da Amazônia

A literatura referente ao Norte do país praticamente não oferece dados sobre sepultamentos Tupi, muito provavelmente pela dificuldade, por parte dos arqueólogos, de relacionar os vestígios da região a esta família linguística. No entanto, consideramos pertinente seguir os “rastros” contidos em trabalhos que tentam realizar essa associação, numa tentativa de obter algumas informações.

O primeiro dos três volumes de “Os ceramistas Tupiguarani”, organizado por Lima e Prous (2008) apresenta sínteses regionais sobre a grande tradição tecnológica Tupiguarani, abrangendo, nesse sentido, a região Norte. Um dos capítulos, intitulado “A tradição Tupiguarani na Amazônia”, escrito por Edithe Pereira et al. (2008), sintetiza aspectos centrais sobre escavações feitas no Pará, apresentando achados Tupiguarani de diversos sítios arqueológicos desse estado.

O enfoque do capítulo está, especificamente, em duas regiões paraenses. A primeira a ser elencada pelos autores refere-se à Serra do Sossego, em Canaã dos Carajás, onde as escavações arqueológicas tiveram início no ano 2000. Entre os sítios arqueológicos identificados nesta área, os autores destacam o bem preservado “PA-AT-247: Domingos”, com presença de treze vasilhames cerâmicos inteiros ou semi-inteiros, dispostos abaixo da camada preta, local onde estaria a ocupação humana. Uma informação interessante apontada pelos autores é o fato de ter sido possível perceber a remoção intencional da terra para cobrir estas peças. (Pereira et al., 2008: 52).

Apenas uma dessas vasilhas inteiras foi interpretada como uma urna funerária, em função da presença de ossos humanos no interior. Os restos mortais do indivíduo correspondem a uma criança. A descrição geral indica que a estrutura funerária era composta por uma urna, uma tampa e por um machado polido, disposto junto ao corpo do infante. (Pereira et al., 2008: 52).

*Esse mesmo sítio foi datado por Termoluminescência (TL), possibilitando “situá-lo entre 1.300 ± 130 e 530 ± 55 A.P<sup>3</sup>.” (Pereira et al., 2008: 53). Conexas com as características das peças cerâmicas, essas datas permitem associar o sítio amazônico à ocupação Tupiguarani. (Pereira et al., 2008: 53).*

As interpretações sobre os achados humanos e a área de enterramento não constam no capítulo, assim como os rituais empregados na elaboração do sepultamento também não são descritos. É importante destacar, além disso, que a pesquisa ficou devendo informações acerca das demais vasilhas enterradas, tais como outros dados sobre o contexto e a posição das peças, de forma a refletir se também elas poderiam ter abrigado corpos humanos. Ficamos na dúvida se juntas estariam representando uma área de enterramento, ainda que a remoção de terra, para cobrir as vasilhas localizadas próximas umas às outras, esteja indicando que sim.

A segunda área com presença de elementos cerâmicos Tupiguarani, elencada no texto, refere-se à região da Floresta Nacional Tapirapé-Aquiri, em Parauapebas. As pesquisas arqueológicas desta localidade paraense iniciaram em 2003 e os resultados delas são ainda preliminares. Das informações trazidas pelos autores podemos destacar o fato de a área escavada possuir dois tipos de sítios arqueológicos: um caracterizado pela pouca profundidade e baixa densidade de materiais, indicando tratar-se de sítios acampamentos, e outro caracterizado pela maior quantidade de materiais arqueológicos, além de manchas de terra preta que possivelmente demarcam o lugar das antigas cabanas. (Pereira et al., 2008: 54).

Em ambos os tipos de sítios foram registrados buracos de esteio e de estacas, além de fogueiras. (Pereira et al., 2008: 54). A descrição dessa segunda região paraense não

---

3 Antes do Presente (tendo como base o ano de 1950).

contempla dados referentes a áreas de enterramento ou mesmo a achados humanos isolados.

De forma sucinta, o caráter do capítulo, de reunião de dados e de síntese das pesquisas arqueológicas no Pará, desfavoreceu uma discussão teórica e desamparou uma abordagem mais consistente sobre a riqueza dos aspectos funerários. No entanto, cumpriu o objetivo de fornecer um panorama sobre a presença da tradição cerâmica Tupiguarani na Amazônia. Para a presente dissertação, o trabalho é particularmente importante por apresentar significativos, embora escassos, indícios de sepultamentos associados às sociedades Tupi.

Outro trabalho que merece atenção é a Tese de Doutorado “Os contextos funerários na Arqueologia da Calha do Rio Amazonas”, desenvolvida pela arqueóloga Anne Rapp Py-Daniel, sob orientação do Prof. Dr. Levy Figuti. É uma pesquisa resultante de muitos anos de investigação, que inova por dedicar-se exclusivamente à temática do universo mortuário na região amazônica.

A tese defendida em 2015, vinculada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, analisa dados funerários de diferentes sítios arqueológicos localizados entre o médio rio Solimões e o estado do Amapá. Ao se debruçar sobre a temática, a pesquisadora pretende fornecer um corpo de dados coerente, capaz de evidenciar os padrões ou características em comum entre os contextos funerários da Amazônia, os quais estão associados a quatro troncos linguísticos diferentes.

Apesar de o ponto de partida ser a arqueologia, Anne Py-Daniel se vale dos dados da antropologia social, bem como da etnologia em geral para definir os conceitos e a metodologia de análise. Ao que podemos perceber, ela busca conciliar as premissas processualistas francesas (que privilegiam o rigor da análise dos dados) e as premissas pós-processualistas (que consideram questões subjetivas, tais como a simbologia e os ritos, bem como a identidade), sem desconsiderar as críticas recentes feitas a ambos os vieses. Em suma, há uma preocupação com os gestos empregados nos sepultamentos, com os contextos e a localização dos achados humanos, com os acompanhamentos e, por fim, com os próprios indivíduos sepultados.

Py-Daniel não identificou a presença da tradição cerâmica Tupiguarani nas áreas a que se ateve, apresentando sepultamentos com características diferentes daquelas elencadas por Pereira et al. (2008). Porém, algumas das tradições e fases investigadas na tese foram associadas pela autora ao tronco Tupi (embora não haja entre os arqueólogos um consenso para essa associação). De qualquer forma, é importante incluirmos nesse espaço as principais conclusões e interpretações feitas, a fim de problematizarmos os sepultamentos amazônicos.

Em primeiro lugar, é interessante destacarmos que a tese aponta para uma diversidade de práticas funerárias Tupi na região amazônica, as quais levaram a autora a afirmar que “*talvez a principal característica Tupi seja exatamente a ausência de padrão funerário*”. (Py-Daniel, 2015: 303). Três diferentes e possíveis causas para tal diversidade são apresentadas no trabalho:

*1) O contato intenso com outros grupos; 2) Um grande número de posições sociais; 3) Uma maior flexibilidade das práticas funerárias dentro de cada sociedade, em que a cosmologia e a identidade de cada indivíduo incitassem às diferenciações no momento do tratamento dos corpos ou ao desprezo da materialidade, se voltando mais para o espiritual.* (Py-Daniel, 2015: 303).

Para a Tradição Polícroma na qual, de acordo com Py-Daniel, poderia ter origem a Tupi, a diversidade de práticas não ocorre e é possível identificar uma padronização dos contextos mortuários. (Py-Daniel, 2015: 303).

Pelo que podemos perceber, o olhar voltado para a diversidade de práticas Tupi teria origem nos dados etnográficos, referentes a populações atuais, investigados pela arqueóloga ao longo do trabalho. É possível que esses dados tenham motivado a associação entre parte da materialidade encontrada na região amazônica com o tronco linguístico Tupi. De todo modo, as práticas mortuárias Tupi ocupam pequena parte da tese, uma vez que outros três troncos linguísticos – Arawak, Karib e Jê - também são abordados, contemplando os mais variados contextos.

### **Região Nordeste: Achado Fortuito e Breve Síntese Regional**

A literatura referente ao Nordeste do Brasil também oferece poucos dados sobre os sepultamentos Tupi. Vasilhames associados à tradição Tupiguarani certamente são recorrentes, mas os achados humanos nem sempre estão preservados nos sítios arqueológicos, contribuindo para o desinteresse dos pesquisadores pelo universo mortuário. Contudo, um dos trabalhos de Carlos Etchevarne (2009), intitulado “Os grupos Tupi na Bahia: uma abordagem arqueológica” faz menção a uma estrutura funerária com presença de remanescentes ósseos.

De acordo com a descrição, trata-se de achado fortuito, localizado pelo proprietário das terras, no município Morro do Chapéu - uma das cidades da Bahia com maior número de sítios Tupiguarani. Tal estrutura era formada por duas assadeiras e por uma cerâmica de decoração plástica que fez as vezes de urna funerária. Os ossos humanos no seu interior confirmam o contexto mortuário. Nas proximidades do sepultamento, também foram localizados fragmentos de outras peças cerâmicas e um tembetá de coloração esverdeada. (Etchevarne, 2009: 124).

Um dado importante, elencado pelo autor, é a datação do achado por TL, que permitiu situar o sepultamento em  $709 \pm 82$  anos A.P.

Outros sítios arqueológicos Tupiguarani são mencionados no trabalho, os quais são analisados com a intenção de fornecer hipóteses pertinentes. Contudo, nenhum outro sepultamento é descrito. Também não consta no trabalho a análise e interpretação da única estrutura funerária destacada. Em suma, é um trabalho de reunião de dados, preocupado em apresentar a ocupação Tupiguarani no estado da Bahia, inserindo, dessa forma, informações sobre o achado fortuito.

Outro trabalho pertinente para essa região é o artigo “Recipientes Cerâmicos de grupos Tupi, no nordeste brasileiro”, escrito pelo arqueólogo Marcos Albuquerque, uma vez que oferece uma síntese da presença da tradição cultural na região nordestina, trazendo informações sobre possíveis urnas funerárias.

O artigo foi publicado em “Os ceramistas Tupiguarani”, organizado por Lima & Prous (2008) e aponta para uma diversidade de ecossistemas escolhidos pelos ceramistas para estabelecer assentamento, não sendo possível identificar um único padrão. Marcos Albuquerque também ressalta no texto que a maior parte dos sítios Tupiguarani estão localizados na superfície do solo. Dessa forma, as peças encontram-se suscetíveis à erosão e contaminação, dificultando uma datação segura. (Albuquerque, 2008: 69).

Os sepultamentos associados à cerâmica Tupiguarani poderiam oferecer as datas, porém, os vestígios humanos são escassos e quase sempre estão localizados fora da área da aldeia, não sendo possível relacionar o assentamento aos remanescentes humanos. (Albuquerque, 2008: 69). Ainda que nenhum exemplo tenha sido elencado, essa última constatação realizada pelo autor indica que os sepultamentos Tupi do Nordeste brasileiro normalmente estão em áreas específicas, fora da habitação.

Em relação às datas existentes, situam-se entre 700 e 300 anos A.P.; elas ainda são escassas e não permitem informar a relação entre tempo e espaço ocupado. (Albuquerque, 2008: 70). É pertinente destacar, porém, que há indícios de que a tradição cerâmica Tupiguarani ainda existia durante o período inicial da colonização pelos

européus, embora, de acordo com o autor, seja difícil identificar por quanto tempo mais ela teria se mantido ou “resistido” ao contato. (Albuquerque, 2008: 71).

Antes de adentrar no aspecto “urnas funerárias”, o arqueólogo elenca algumas iconografias do século XVII e XVIII, as quais indicariam a participação Tupi na sociedade da época, mais especificamente nos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Uma delas, inclusive, é interessante por ilustrar uma panela indígena. Após esse tópico, ele discorre sobre as formas das cerâmicas e suas características, justificando o título do trabalho. Um aspecto importante, nesse sentido, é que a maioria das peças encontradas são fragmentadas, sendo a reconstituição gráfica um recurso importante para estudá-las. (Albuquerque, 2008: 76).

Quanto às peças inteiras, referem-se a achados fortuitos, que nem sempre puderam ser escavadas por um arqueólogo. Na maioria dos casos, inclusive, não é mais possível que um profissional revisite o local do enterramento em busca de novos dados, pois estes foram recolhidos em contextos de desmontes de barreiras, construções de estradas, entre outras situações que destroem os registros. (Albuquerque, 2008: 79).

As peças inteiras já localizadas têm em comum o fato de terem sido encontradas abaixo da superfície do solo, justificando a sua preservação. Dessa forma, o autor se pergunta qual o motivo da sua profundidade, não descartando a possibilidade de terem sido enterradas. (Albuquerque, 2008: 79). Dois tipos de cerâmicas inteiras predominam entre essas peças: “*potes introvertidos (comumente associados a urnas funerárias) e tigelas*”. (Albuquerque, 2008: 79). Sobre os sepultamentos localizados em algumas das peças, afirma:

*Embora sejam mais comuns as referências à presença de restos humanos em recipientes capazes apenas de conter sepultamentos secundários, existem registros da presença de restos humanos em grandes recipientes capazes por suas dimensões de terem servido a inumação primária. (Albuquerque, 2008: 79).*

A partir da citação acima, compreendemos que para Albuquerque há sepultamentos tanto secundários quanto primários, a julgar pelo tamanho das vasilhas. O autor ainda afirma que os grandes recipientes “*certamente não foram elaborados em um dia*”, já que sua “*manufatura, queima e resfriamento*” precisariam de vários dias; para ele, o tempo de confecção da peça não condiz com o tempo máximo para se deixar exposto um cadáver até o correspondente ritual de enterramento, especialmente em um clima tropical e entre um grupo que besunta o morto com mel e o cobre com plumas. (Albuquerque, 2008: 79). A partir dessa última constatação, percebemos que o autor se vale de noções presentes em relatos de época para compreender a prática mortuária indígena. No entanto, ele não cita a fonte da informação, bem como não inclui no texto qualquer crítica ao documento.

Ainda inspirado nos relatos de época, afirma que o “*sepultamento primário em urnas*” é “*restrito a eventuais circunstâncias ou personalidades*”, sendo possível que “*envolvesse uma prévia preparação dos objetos rituais*”. (Albuquerque, 2008: 80).

Para Albuquerque, as peças com marcas de quebra abaixo da borda ou à altura do ombro, corresponderiam a quebras propositais para encaixar o morto. Embora o autor não reflita sobre o assunto, temos aí uma evidência de que os Tupi dessa região de fato não confeccionavam as cerâmicas apenas para o contexto mortuário, mas as reutilizavam para essa finalidade conforme a necessidade, de forma semelhante ao que já foi constatado por outros arqueólogos, em diversos sítios Tupi, como ficará evidente ao longo desse artigo.

Outra característica das vasilhas inteiras é a presença de uma segunda peça que cobre a “urna”. Ao que podemos perceber, Albuquerque coloca entre aspas o termo para indicar que nem todas as vasilhas com cobertura (ou tampa) continham ossos humanos no interior, dificultando uma associação segura com um sepultamento. Conforme consta

no texto, uma “urna” em específico, cujo local de encontro não foi indicado, estava preenchida com sedimento infiltrado e não continha vestígios humanos, nem mesmo dentes. Para Albuquerque, o fato de essa vasilha ter sido enterrada e apresentar uma cobertura não indicariam a presença de uma estrutura funerária. (Albuquerque, 2008: 80). É interessante considerar, contudo, que para outros arqueólogos os ossos humanos não são tão importantes, uma vez que os vestígios contidos no interior das peças podem facilmente deteriorar, sendo, nesse sentido, necessário observar o contexto como um todo. (Ver Buarque, 2010).

O artigo elenca, por fim, outras informações sobre as peças cerâmicas, as quais não necessariamente estariam relacionadas ao universo mortuário. Ao mencioná-las, Albuquerque ressalta a importância e possibilidade de essas peças traçarem os eventuais contatos culturais ocorridos entre diferentes tribos Tupi ou mesmo entre Tupi e outras etnias. (Albuquerque, 2008: 89).

Em suma, é possível perceber que Albuquerque suprimiu o embasamento teórico do trabalho e se absteve de inserir as referências e informações completas sobre os relatórios e pesquisas consultadas para a realização da síntese, impossibilitando que pudéssemos conferir os dados. Contudo, as noções sobre as áreas de enterramento – que seriam afastadas das aldeias – combinam com os dados referentes às demais regiões do Brasil. As características das possíveis urnas, com evidências de quebras e normalmente acompanhadas de uma segunda peça que serve de tampa, também combinam com as informações elencadas por outros arqueólogos que estudam diferentes contextos Tupi.

### **Região Centro-Oeste: O Contexto do Mato Grosso do Sul e Goiás**

Entre as pesquisas com dados sobre sepultamentos Tupiguarani na região Centro-Oeste, uma das principais e mais antigas foi realizada por Igor Chmyz, durante o desenvolvimento do Pronapa<sup>4</sup>. Em “Dados arqueológicos do Baixo Rio Paranapanema e do Alto Rio Paraná”, publicado em 1974, o pesquisador elencou informações sobre a região estudada, abrangendo uma significativa área de enterramento.

De acordo com Chmyz, cinquenta e três sítios arqueológicos foram encontrados na localidade. Desses, quarenta e três estão associados à tradição Tupiguarani, podendo ser agrupados em diferentes fases: Pirapó, Ivinheima e Loreto. A área de enterramentos humanos está associada aos sítios da fase Ivinheima, localizados ao longo da margem esquerda do rio Paraná e, também, na margem do rio Samambaia, afluente do rio Paraná no estado do Mato Grosso do Sul.

Esta área teria sido encontrada na parte central das antigas aldeias, a qual formava o desenho de uma “ferradura”. Cerca de trinta urnas funerárias, alinhadas no sentido leste-oeste estavam presentes. (Chmyz, 1974: 74). Elas normalmente eram encontradas com recipientes rasos ou mesmo com outros vasilhames maiores, utilizados como tampa. Em geral, apresentam sinais de reutilização, uma vez que “*não possuíam fundos e foram protegidas, por dentro, com cacos grandes*”. (Chmyz, 1974: 74).

As diversas práticas funerárias presentes nos sítios arqueológicos foram descritas da seguinte forma:

*Foram registradas várias práticas funerárias: uma peça continha crânios e alguns ossos pertencentes a dois indivíduos; sobre os restos humanos foram depositados cacos de vasilhas. Duas dessas vasilhas, reconstituídas posteriormente, mostraram sinais de quebra intencional. Em outra urna, o crânio*

---

4 Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, idealizado por Betty Meggers e Clifford Evans, durante a década de sessenta. Entre seus objetivos, destacamos a preocupação pela padronização técnica e metodológica da disciplina arqueológica em nível nacional (Ver Schiavetto, 2007: 26).

*havia sido colocado no fundo e os ossos longos dispostos em torno. (Chmyz, 1974: 74).*

O autor evidencia, ainda, a presença de acompanhamentos funerários e a ausência de sepultamentos primários em urnas. Os sepultamentos primários encontrados, apesar de fora das urnas, estão organizados conforme a lógica daqueles associados aos grandes vasilhames:

*Em quase todas havia, no seu interior ou no lado de fora, pequenos recipientes cerâmicos, sugerindo oferendas. Tembetás em T, de cristal de rocha e de resina, ocorreram em muitas urnas. Em nenhuma urna, seja pelas dimensões das peças, seja pela disposição dos ossos, constatamos algum enterramento primário. Os enterramentos primários encontravam-se na mesma profundidade e alinhamento das urnas. Num deles, de posição semifletida, em decúbito lateral esquerdo, cacos grandes cobriam apenas o crânio. Ao lado da mandíbula havia um tembetá em T, de cristal de rocha, e, junto aos ossos dos pés, um machado alongado polido, polidores de sulco e possível corante. Outro esqueleto jazia com o crânio apoiado numa vasilha rasa. Exemplificando, ainda, a diversidade de práticas funerárias, citamos os restos de um indivíduo que foi disposto na cova em posição acocorada, tendo sobre o crânio uma vasilha rasa emborcada (est. 24–25). (Chmyz, 1974: 75).*

O texto de Chmyz também se preocupa em classificar as cerâmicas da fase Ivinheima, levando em consideração a decoração, o antiplástico e o formato dos vasilhames. Ele diz ter identificado mais de trinta formas diferentes, que variam quanto ao tamanho, tipo de base, aspectos em geral, entre outras características. Não constam na descrição informações diretas sobre as cerâmicas e os enterramentos humanos.

Os sepultamentos apurados por Chmyz não possuem datação ou identificação do sexo. Nesse sentido, não é possível verificar se as práticas mortuárias diferenciadas (diretamente no solo ou dentro das urnas, com ou sem acompanhamento, etc) evidenciam uma evolução no modo de tratar os mortos, uma indicação de status ou, ainda, sepultamentos diferenciados para homens e mulheres. No entanto, na visão do autor, os sepultamentos diretos no solo seriam os mais remotos: *“os dados parecem indicar que nas manifestações mais antigas da tradição Tupiguarani, as práticas funerárias não incluíam o uso de urnas”*. (Chmyz, 1974: 83).

Por fim, também cabe mencionar que Chmyz não citou cronistas de época ou antropólogos da atualidade para pensar as práticas mortuárias. Do mesmo modo, o texto absteve-se de apresentar a fundamentação teórica. O grande mérito dele, visto o período e contexto em que foi produzido, é o de descrever os achados de forma detalhada, favorecendo comparações com outros dados, de acordo com as características das demais publicações do Pronapa, comprometidas com a *“objetividade”* e *“neutralidade científica”*, conforme já apontado por diversos autores. (Schiavetto, 2007: 26).

Outro estado da região Centro-Oeste com presença de sítio-cemitério Tupiguarani é Goiás. Em 1996, a Revista Pesquisas, sob o título *“Arqueologia nos cerrados do Brasil Central – Sudoeste da Bahia e Leste de Goiás”*, elencou dados do Projeto Serra Geral, desenvolvido pelo Instituto Anchietano de Pesquisas e a Universidade Católica de Goiás, onde identificou sepultamentos em associação à cerâmica Tupiguarani.

O primeiro sítio arqueológico com presença de sepultamentos, localizado pelo projeto, foi o GO-PA-64, situado nas proximidades do rio São Bernardo, no município de São Domingos. Tal sítio encontra-se no sopé de um *“paredão calcário, sobre uma plataforma que sobressai do rio uns 50 m”*. (Schmitz et al., 1996: 19). De acordo com os autores, as estruturas funerárias foram enterradas em covas rasas, na plataforma que se formou rente a esse paredão. Os achados foram denominados como *“sepultamento 1, 2 e 3”*. (Schmitz et al., 1996: 19).

A estrutura do sepultamento 1 era composta por uma vasilha pintada que serviu como tampa e pela urna, descrita como um vasilhame maior, sem pintura. É interessante destacar que a tampa apresenta manchas de fogo, indicativo de uso doméstico. (Schmitz et al., 1996: 20). De acordo com o texto, junto à estrutura havia, ainda, evidências de outros vasilhames, os quais devem ser provenientes de outro sepultamento presente na área. Sobre os ossos humanos localizados no interior da urna, destacam serem fragmentos de “*crânio e ossos maiores de um indivíduo alto e idoso*”. (Schmitz et al., 1996: 20).

A estrutura do sepultamento 2 era formada por três vasilhas: tampa, urna funerária e fragmentos de uma outra vasilha. Apenas a urna funerária, a maior das vasilhas, não apresentava pintura. (Schmitz et al., 1996: 20). Quanto aos remanescentes ósseos, estes foram localizados no interior dessa vasilha maior e, de acordo com o texto, são pertencentes a mais de um indivíduo, conforme explicitado no trecho:

*caracterizam três indivíduos, sendo um adulto jovem, cujo terceiro molar ainda não emergiu e sexo provavelmente feminino e dois indivíduos muito jovens, crianças com dentição aparentemente incompleta. (Schmitz et al., 1996: 20).*

Quanto à estrutura do sepultamento 3, era formada por duas vasilhas cerâmicas menores, com presença de pintura, e outra maior, sem decoração. De acordo com os dados presentes, os ossos contidos na cerâmica maior são escassos e, aparentemente, correspondem a um indivíduo com idade avançada. (Schmitz et al., 1996: 20).

É importante destacar que a estimativa da idade dos indivíduos foi mencionada sem acompanhamento da metodologia de análise empregada. Também destacamos que os pesquisadores não estabeleceram diálogo com outros autores que estudam a temática mortuária. Contudo, as informações do sítio-cemitério, embora escassas, são pertinentes por evidenciar a prática do sepultamento em urna funerária em mais um estado da região Centro-Oeste, apresentando, inclusive, uma variação interessante (sepultamento de mais de um indivíduo numa mesma estrutura).

Por fim, cabe ressaltarmos que o estado do Mato Grosso do Sul recentemente foi escavado e estudado por arqueólogos que localizaram novos sítios Tupiguarani, além da área de enterramento identificada por Chmyz. Nesse contexto, destaca-se o trabalho desenvolvido por Kashimoto e Martins (2009), intitulado “Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul” que reúne informações de dezesseis anos de investigações e contribui para o avanço das pesquisas no Centro-Oeste brasileiro.

Ao todo, a publicação apresenta seis capítulos. O mais interessante para nós, é o terceiro, referente ao contexto mortuário de uma área de 6.000m<sup>2</sup>. (Kashimoto; Martins, 2009: 96). Trata-se de um sítio-cemitério localizado em espaço próximo ao identificado e descrito por Chmyz. O primeiro dos sepultamentos desse campo foi interpretado como uma estrutura funerária Guarani. (Kashimoto; Martins, 2009: 96). Tal estrutura é composta por uma urna de acabamento corrugado, com vestígios humanos no interior, e por uma segunda vasilha que cobria o crânio do indivíduo; em associação, havia fragmentos cerâmicos de outras peças.

Os ossos humanos foram submetidos à análise de especialistas, os quais identificaram serem referentes a um homem adulto de aproximadamente 35 anos. É interessante ressaltar que o achado estava acompanhado por tembetá de resina, o que, na opinião dos autores, serve para confirmar o sexo do indivíduo. (Kashimoto; Martins, 2009: 99).

A segunda estrutura mencionada é formada por uma peça cerâmica Guarani que servia de urna e por outras peças que provavelmente armazenavam bebida. (Kashimoto; Martins, 2009: 99). Uma das cerâmicas associadas à bebida continha um “copo” no interior, indicando a utilização para armazenagem de líquidos. Fragmentos cerâmicos

localizados na urna puderam ser datados, por TL, os quais resultaram em  $570 \pm 57$  anos A.P. A data demonstra uma ocupação nas confluências do rio Ivinhema e do rio Paraná nas vésperas da chegada dos europeus.

Contudo, é importante considerar que as demais urnas funerárias localizadas pelos pesquisadores apresentam características de contato entre indígenas e missionários - peças cerâmicas com formatos distintos e em associação a colher de prata. (Kashimoto; Martins, 2009: 103).

Por fim, convém destacar que Kashimoto e Martins não parecem preocupados com as interpretações dos achados humanos e que, por esse motivo, não estabeleceram diálogo com autores interessados pelo universo mortuário. Eles também não procuraram dialogar com a produção de Chmyz que escavou área de enterramento próxima. O enfoque da publicação está na metodologia empregada nas escavações e na relação entre o paleoambiente e as sociedades indígenas que se instalaram na região.

### **Região Sudeste: O Contexto de São Paulo e Rio de Janeiro**

Os sítios arqueológicos associados aos Tupi do Sudeste do país vêm sendo sistematicamente escavados desde a década de sessenta do século passado. De lá para cá, alguns importantes dados já foram publicados sobre os sepultamentos desses ceramistas. Nesse espaço, elencaremos alguns deles, os quais referem-se aos achados localizados no estado de São Paulo e Rio de Janeiro.

Uma das mais antigas publicações com evidências de sítios-cemitérios na região é o artigo produzido por Sílvia Maranca (1969), durante desenvolvimento do Pronapa. Em algumas poucas páginas, a pesquisadora ressalta que no Vale do Paraíba havia cerâmica da tradição Tupiguarani, a qual foi localizada por moradores locais e, posteriormente, reunida e exposta no Museu Paulista. Para ela, os achados evidenciam ou uma ocupação que terminou antes da chegada dos europeus ou uma ocupação posterior, mas rápida. (Maranca, 1969: 136). Já o Alto vale do Paranapanema, outra região estudada, abriga indícios de ocupação Tupiguarani mais consistente, com presença de dez sítios-cemitérios. (Maranca, 1969: 137). Infelizmente, nenhum dado sobre as estruturas funerárias, além de que as urnas funerárias eram corrugadas e as tampas lisas, foram elencadas pela autora, assim como nenhuma fotografia.

Convém destacar que o caráter do trabalho de Maranca é de descrição do local estudado e do material encontrado, conforme objetivos do Pronapa. É um trabalho interessante por mencionar número elevado de sítios-cemitérios, contudo, não possibilita estimar quantas estruturas funerárias foram encontradas.

Entre os mais recentes, é importante para nós o trabalho desenvolvido por Ondemar Dias, publicado em 2009. Trata-se de um capítulo de livro intitulado "A Tradição Tupiguarani no estado do Rio de Janeiro", que aborda duas localidades com presença de sepultamentos em urna funerária: ao longo do rio Paraíba e em Sernambitiba.

Várias imagens de estrutura funerária foram elencadas por Dias, as quais evidenciam a presença de uma urna funerária, de uma peça que serve de tampa, uma sobre-tampa (conforme definição do próprio autor) e tigelas que acompanham. Para ele, "*os sepultamentos recuperados mostram uma variação de "status" social, alguns indivíduos acompanhados de material elaborado, enquanto outros não*". (Dias, 2009: 76). Por elementos elaborados, pensamos que o autor possa estar se referindo a quantidade de tigelas que acompanham as estruturas, bem como à pintura das mesmas.

Para compreender as práticas observadas no registro arqueológico, Dias se vale da narrativa elaborada pelo padre Manoel da Nóbrega, de 1549:

*Quando morrem alguns dos seus, põem-lhe sobre a sepultura bacias cheias de viandas e uma rêde, em que eles dormem, mui bem lavrada; e isto porque crêem,*

*segundo dizem, que depois que morrem tornam a comer e a descansar sobre a sepultura. (Nóbrega apud Dias, 2009: 76).*

É importante mencionar que não se trata de um capítulo exclusivamente interessado nas práticas mortuárias, o que justifica a falta de análise e reflexão das mesmas. Por exemplo, não há informações sobre os ossos humanos encontrados, assim como não é estabelecida relação entre vasilhas e sepultamentos primários ou secundários. Também observamos que o documento produzido por Manoel de Nóbrega foi utilizado sem acompanhamento das devidas críticas. Em relação aos méritos da produção, está a riqueza de imagens de um dos sepultamentos e a própria definição de “sobre-tampa”, um termo que permite compreender a posição e função da peça no arranjo funerário, diferenciando-a de uma oferenda.

Outra importante pesquisa referente ao estado do Rio de Janeiro é aquela realizada pela arqueóloga Angela Buarque. Sua equipe escavou e identificou cerca de 25 sítios associados aos ceramistas Tupiguarani que ocuparam o estado. Dados referentes a quatro desses sítios (Morro Grande, Serrano, São José e Bananeiras) foram reunidos em “As estruturas funerárias das aldeias Tupinambá da região de Araruama, RJ”, publicado em 2010.

De acordo com a descrição presente nesse texto, várias datações foram realizadas para o sítio Morro Grande, sendo que aquelas obtidas por Carbono 14 evidenciaram ocupações antigas, situadas em  $2.600 \pm 160$  A.P. e recentes, de até  $510 \pm 160$  A.P.; para os sítios Serrano e São José não há datações por Carbono 14, porém, o método por TL situou o segundo sítio em 284 A.P.; quanto ao Bananeiras, a datação por Carbono 14 resultou em  $430 \pm 40$  A.P. (Buarque, 2010: 153).

As escavações na aldeia Morro Grande chegaram a 100m<sup>2</sup>, apresentando cinco estruturas funerárias, relacionadas a uma área de enterramento. (Buarque, 2010: 157). Conforme consta no capítulo da autora, foi registrada a presença de fogueira e de buracos de estaca junto aos achados.

Das cinco, apenas uma estrutura continha ossos no interior, o que é explicado pelo excesso de acidez do solo. Contudo, Buarque afirma que “o arranjo das peças associadas à urna com tampa”, é suficiente para confirmar o “contexto funerário”. (Buarque, 2010: 158). Ao mencionar a presença das tampas como elemento recorrente e determinante para a identificação da área de enterramento, ela cita o pesquisador André Prous<sup>5</sup> (1992), que entre outras constatações, escreveu que a vasilha que cobre a urna serviria para evitar o retorno dos mortos entre os vivos. (Prous apud Buarque, 2010: 158).

As tampas das estruturas escavadas estavam bastante danificadas, notando-se fragmentos delas no interior da urna. A condição precária dessas peças estaria relacionada com a localização das mesmas, muito perto da superfície. (Buarque, 2010: 158). Além da urna e da tampa, as estruturas são formadas pelas tigelas que acompanham as urnas, cujo número varia de estrutura para estrutura; a presença ou ausência de fogueira e de buraco de estaca junto aos achados também varia. (Buarque, 2010: 158).

Convém explicitar que por “estrutura” a autora entende um “conjunto de vestígios organizados”, onde é possível perceber o emprego do gesto humano na elaboração, conforme definições de Leroi-Gourhan (apud Buarque, 2010: 162). Também se faz necessário destacar que para Buarque os buracos de estaca teriam sustentado jirais associados à urna funerária, na intenção de “evitar o contato do morto com a terra”. (Buarque, 2010: 162). Para fundamentar a hipótese, ela utiliza um trecho retirado da obra

---

5 Obra “Arqueologia Brasileira”, onde a cultura Tupiguarani também é apresentada ao leitor. Os dados funerários elencados no trabalho foram retirados de outras produções bibliográficas e as interpretações acerca dos achados são, na verdade, hipóteses.

quinhentista de Gabriel Soares de Souza, que menciona o uso de jiraus no sepultamento em rede (e não em urna funerária).

Quanto à aldeia Serrano, foram localizadas 23 estruturas com características semelhantes às do Morro Grande, porém, várias delas continham vestígios humanos. Todas foram localizadas em área de enterramento. (Buarque, 2010: 164). A pesquisadora privilegiou a descrição de duas dessas estruturas, em função das suas características diferenciadas: uma delas era formada por uma urna e duas tampas, danificadas: “*Devido a fragmentação em um dos lados da tampa, foi utilizada outra peça, também quebrada, para cobrir a parte que a outra deixava à mostra*”. (Buarque, 2010: 164). Essa estrutura não apresentava ossos humanos. Já a segunda estrutura funerária descrita, parece consistir em um achado com presença de ossos humanos, o qual estava acompanhado por tigela virada para fora. (Buarque, 2010: 164).

Na aldeia São José foram recuperadas quatro urnas funerárias. Uma das urnas possuía dentes de uma criança no interior e estava acompanhada por uma tigela pintada. (Buarque, 2010: 164). Quanto à última aldeia, chamada de Bananeiras, um único sepultamento é mencionado. Trata-se de uma urna funerária

*associada a um pote e duas tigelas pintadas, contendo um enterramento primário de um indivíduo do sexo feminino, entre 20 e 25 anos, medindo cerca de 1,46m de altura, mostrando parte de suas vértebras e costelas em conexão anatômica (Buarque, 2010: 166).*

A urna funerária desse sepultamento possui “pés”, uma característica singular que indica o contato com o europeu. (Buarque, 2010: 166). A tampa, que apresentava marcas de líquidos, foi localizada sobre o crânio do indivíduo. Duas tigelas também foram encontradas em associação ao sepultamento, as quais estavam deslocadas de seu posicionamento original.

De acordo com a arqueóloga, junto aos ossos foram encontrados pingentes feitos a partir de conchas. Esta é uma descoberta que, para Buarque, vai ao encontro do que relatou o cronista Fernão Cardim sobre o costume dos Tupinambá de enterrar suas joias na intenção de que ninguém as veja e as lastime. (Cardim apud Buarque, 2010: 167).

Por fim, o capítulo se interessa pelo universo pictórico das peças que compõem as diversas estruturas funerárias, valendo-se mais uma vez de cronistas de época para fundamentar as interpretações. É interessante destacar, contudo, que o emprego das fontes etno-históricas, ao longo de todo o capítulo, é feito sem qualquer reflexão sobre o valor dos dados etnográficos observados pelos europeus e/ou crítica. A autora parece desconsiderar, ainda, que as práticas podem ter passado por modificações e ressignificações, as quais poderiam inviabilizar relações diretas entre o contexto arqueológico remoto e o contexto presenciado pelos europeus.

Cabe incluímos nesse espaço uma última pesquisa interessada nos Tupinambá da região Sudeste: a Dissertação de Mestrado desenvolvida por Marcel Lopes (2014), intitulada “Ocupação Tupinambá no Vale do Paraíba Paulista: Vista a partir da análise do sítio arqueológico Santa Marina”.

Ao descrever as intervenções realizadas no sítio Santa Marina, estudo de caso de Marcel Lopes, o pesquisador menciona uma estrutura funerária composta por duas peças cerâmicas. Conforme croqui da escavação, elencada no terceiro capítulo, o achado estava próximo à habitação e, aparentemente, num local que não corresponderia a uma área de enterramento. Para ele, não há evidências de ossos no interior em decorrência da ação do tempo. (Lopes, 2014: 89).

As peças cerâmicas não apresentam pinturas, apenas decoração plástica. A segunda vasilha, que serve como tampa, foi encontrada no interior da urna e

provavelmente estava cobrindo o crânio do indivíduo sepultado. De acordo com a imagem elencada na dissertação, o arranjo das peças de fato evidencia um contexto funerário.

Como o sepultamento não é primordial para o estudo do sítio Santa Marina, o autor não inferiu sobre os gestos e práticas empregadas no seu preparo. O texto também não apresenta interpretações sobre o sepultamento, nem mesmo reflexão sobre tamanho da urna e a possibilidade de se tratar de um sepultamento primário. Embora o sepultamento tenha sido pouco explorado, a sua menção é importante, pois se trata de uma estrutura funerária Tupi com características distintas das apresentadas por Dias e por Buarque (mas que talvez seja semelhante ao que foi encontrado por Maranca), o que matiza as práticas mortuárias na região.

### **Região Sul: As Sistemáticas Pesquisas Arqueológicas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina e a Densidade de Práticas Mortuárias**

Sítios associados aos grupos Tupi estão presentes em todas as regiões, conforme as fontes bibliográficas aqui destacadas são capazes de demonstrar. Contudo, a parte do Brasil com maior número de sepultamentos localizados e estudados é a que compreende o Sul. Nesse sentido, priorizamos abordar os trabalhos com maior número de dados por serem os mais pertinentes para viabilizar comparações e reflexões.

O primeiro a que convém nos atermos é o relatório final referente às atividades de Arqueologia de Contrato desenvolvidas durante o “Projeto de Salvamento Arqueológico da ZPE Imbituba, SC” (IPAT/UNESC, 1999). Trata-se de um arquivo, ainda não publicado, que descreve detalhadamente as escavações e os respectivos estudos da área de impacto da ZPE, no município de Imbituba, litoral catarinense. O relatório em questão, bem como o trabalho de campo, foi desenvolvido pelo Laboratório de Arqueologia do IPAT/UNESC, de Criciúma, a partir de financiamento da IAZPE/SC.

Ao todo, a equipe identificou 25 estruturas de habitação na área escavada, todas elas relacionadas aos ceramistas Tupiguarani. Em relação aos sepultamentos, o relatório evidencia a presença de sete estruturas funerárias.

A estrutura funerária 1 foi localizada em área de mancha escura. Era formada por um sepultamento diretamente no solo, em decúbito dorsal, cujo crânio, bem como parte do peito, estava coberto por vasilhame de 44 cm de diâmetro, de decoração pintada e acabamento liso. Os ossos em contato com a terra estavam mal preservados. É importante destacar que o indivíduo estava acompanhado por tembetá, vasilhame fragmentado e machado polido.

A estrutura funerária 2, por sua vez, foi localizada entre duas manchas. Constitui-se em um conjunto formado por vasilhame cerâmico com decoração plástica corrugada, acompanhado por recipiente corrugado que servia como tampa. No interior da urna foi verificada a presença de vasilhame unglado com fragmentos cerâmicos no interior e machado polido. A estrutura não continha remanescentes ósseos preservados, os quais, de acordo com o texto, provavelmente apodreceram após deterioração da tampa.

Pelo que podemos compreender, a estrutura funerária 3 estava próxima à anterior, dentro de uma mancha. Contudo, ela foi totalmente destruída durante as obras na área. Era composta por um vasilhame corrugado, sem pintura.

Quanto à estrutura 4, foi situada entre duas outras manchas escuras. É composta por vasilhame cerâmico pintado e unglado, acompanhado por conta de cerâmica perfurada. Não há menção no texto referências a remanescentes ósseos.

A estrutura 5, também localizada em mancha, é um conjunto de duas urnas funerárias e duas tampas, as quais distavam 40 cm das demais estruturas. Uma das urnas, que estava sem o fundo, apresenta decoração plástica unglada e tampa lisa com pintura na parte interna. É interessante destacar que em torno dessa urna foi verificada a presença de fragmentos cerâmicos da Tradição Tupiguarani e Taquara, sendo que estes

últimos foram “cravados” ao redor do sepultamento. Além disso, no interior da urna também havia cerâmica Taquara, a qual parece ter sofrido quebra intencional. Em associação havia, ainda, parte de um machado polido. Já a segunda urna funerária, é correspondente a um vasilhame corrugado, coberto por uma peça simples, que foi quebrada pela ação do arado. No interior dela foram encontrados fragmentos de vasilhame unglado de pequenas dimensões. Também é mencionado que a base estava ausente. Não há informações sobre ossos humanos.

De acordo com a descrição, a estrutura funerária de número 6 sofreu ação das obras de terraplanagem. O que se encontrou dela foi parte de uma urna funerária com lâmina de machado no interior. No entorno e no interior da urna também se observaram remanescentes humanos (dentes e ossos longos).

A última estrutura, identificada pelo número 7, foi localizada em mancha. Era composta por urna funerária simples, coberta por uma segunda vasilha que servia de tampa (fragmentada durante a escavação). Junto à urna e à tampa encontrou-se fragmento de um terceiro vasilhame (cerâmica de pequena dimensão, com decoração simples). Ossos humanos, referentes a um sepultamento primário de um imaturo, foram notados no interior do grande vasilhame. O corpo estava disposto em decúbito dorsal, com os membros inferiores fletidos. Como acompanhamento funerário, foram encontrados dois colares de conta, feitos a partir de conchas, e dois artefatos polidos, feitos com concha de gastrópode.

Após descrição de todas as estruturas funerárias, o relatório apresenta uma reflexão acerca dos achados. É chamada atenção para a recorrência dos acompanhamentos, observados em quase todas as estruturas (com exceção da 3, destruída por terraplanagem), e da tampa (não observada apenas naquelas que foram perturbadas antes do salvamento).

Outro dado importante elencado no relatório são as datações por TL, na FATEC, as quais demonstram ao menos duas ocupações distintas, embora ambas estejam vinculadas à Tradição Tupiguarani. A mais antiga ocupação ocorreu no norte da área escavada, sendo que a primeira data obtida foi  $1040 \pm 110$  BP (estrutura funerária 1), a segunda data obtida foi  $1000 \pm 110$  BP (estrutura funerária 7) e a terceira foi situada em  $1050 \pm 150$  BP (mancha 19). Os sepultamentos datados apresentam os vasilhames intactos, o que preservou os remanescentes ósseos. A datação mais recente ocorreu no sul da área, com datações de  $715 \pm 75$  BP (mancha 4) e de  $810 \pm 85$  (mancha 5). Essa segunda ocupação é caracterizada pelos vasilhames sem bases, os quais contribuíram para a deterioração dos achados.

É importante destacar que o relatório não se deteve nas evidências de “contato” entre Tupi e Jê no mesmo sítio arqueológico, indicado pela coexistência da Tradição Tupiguarani e Taquara no sítio-cemitério.

Embora não se tenham valido das fontes etno-históricas para interpretar os sepultamentos, é interessante destacar que dados etnográficos sobre os Guarani do século XVI e XVII são elencados no relatório com a finalidade de estabelecer reflexões. Também foram inseridos dados geológicos, climáticos e ambientais, os quais permitem compreender a ocupação pretérita a partir da sua relação com o meio.

Um segundo trabalho pertinente, é a Tese de Doutorado “Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da tradição cerâmica Tupiguarani”, desenvolvida pelo pesquisador Sérgio Célio Klamt. Tal pesquisa, defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), contribui para o entendimento da ocupação Tupiguarani no Rio Grande do Sul, apresentando e analisando importante área de enterramento. O quarto capítulo, nesse sentido, é inteiramente dedicado às estruturas funerárias do sítio Scapini, as quais compreendem uma ou mais urnas funerárias em

associação com remanescentes ósseos humanos e/ou anexos funerários. (Klamt, 2004: 191).

O sítio Scapini está localizado no município de Ibarama, região central do Estado do Rio Grande do Sul. Foi identificado e registrado pela equipe de Pedro A. Mentz Ribeiro, que realizou sondagens e coleta superficial. Entre 1999 e 2000, a equipe de Klamt foi responsável pelo trabalho de salvamento da área, conforme solicitação do IPHAN. (Klamt, 2004: 192). As características do sítio, sem evidências de ocupação, levaram os pesquisadores a trabalharem com a hipótese de que o sítio como um todo seria uma área de enterramento, cujo espaço total compreenderia 4.500 m<sup>2</sup>.

A escavação identificou cinco estruturas funerárias (A, B, C, D e E): *“a divisão em cinco estruturas justifica-se pelo fato de as urnas estarem enterradas sempre duas a duas, exceto a de número “1”, na estrutura A, que estava sozinha.* (Klamt, 2004: 196). Todas elas foram extensamente descritas de forma a oferecer subsídios para futuras comparações. Abaixo, serão elencadas algumas das principais características de cada uma.

A estrutura “A” é formada por uma só urna funerária de decoração plástica corrugada, sem acompanhamento de uma segunda vasilha que servisse de tampa. No interior, foram encontrados ossos humanos em fase de decomposição, impossibilitando estudos. (Klamt, 2004: 196). A estrutura “B” é formada por duas urnas funerárias de decoração plástica corrugada, encontradas com tigelas que serviam de tampa. Não apresentavam anexos funerários ou ossos humanos no interior. (Klamt, 2004: 198). Quanto à terceira estrutura, identificada pela letra “C”, era composta por duas urnas funerárias de decoração corrugada, sem tampas ou anexos funerários. Para o autor, a ausência de tampas pode ter relação com a ação do arado no local. (Klamt, 2004: 199).

Como as demais, a estrutura “D” estava alinhada no sentido Leste-Oeste. É constituída por duas vasilhas de decoração plástica corrugada, que serviam como urna funerária. Uma delas apresentava tampa, enquanto a outra foi identificada sem tampa, mas estava acompanhada por anexos funerários: duas pequenas vasilhas e um tumbetá em cristal de rocha. (Klamt, 2004: 201). A estrutura “E” também é composta por duas urnas funerárias de decoração plástica corrugada, as quais estavam danificadas pela ação do tempo. Não apresentavam tampas, mas uma delas estava acompanhada de machado polido. (Klamt, 2004: 202).

As descrições estão seguidas por análise do material cerâmico e lítico e por reflexão pertinente. É interessante destacar que para Sérgio Klamt, as vasilhas com volume em torno de 180,0 litros poderiam comportar corpos inteiros de adultos, enquanto que as de apenas 80,0 litros não. Nesse sentido, a hipótese do autor é que *“as urnas maiores poderiam ser enterramentos primários de adultos, enquanto as menores seriam enterramentos secundários e/ou de imaturos”.* (Klamt, 2004: 206).

Outra informação importante sobre as cerâmicas é a presença de inúmeros fragmentos nas escavações, incluindo cacos de decoração pintada, os quais, para Klamt, são evidências de *“novas vasilhas a serem acrescentadas às já existentes”.* (Klamt, 2004: 206). A análise de Klamt aponta, ainda, que as vasilhas foram enterradas de forma linear:

*Ocorre um alinhamento das urnas, duas a duas no sentido Leste-Oeste e paralelo ao leito do rio. A distância entre uma e outra, na mesma estrutura, também obedece uma certa regularidade, variando entre 1,0 e 1,8 metros no máximo. Todas as urnas estavam na posição vertical, o que indica que foram enterradas e não abandonadas no local”* (Klamt, 2004: 208).

Esse capítulo, interessado pela temática dos sepultamentos, é composto, por fim, por confronto entre dados já publicados por outros pesquisadores e os dados do sítio de enterramentos Scapini. A conclusão da reflexão é a de que a prática de se sepultar em

urnas é uma prática de um tempo mais recente, de acordo com o que consta no trabalho de Igor Chmyz, publicado na década de setenta. (Klamt, 2004: 230).

Assim como a tese de Sérgio Klamt, a Dissertação de Mestrado de Marlon Borges Pestana (2007), intitulada “A Tradição Tupiguarani na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul, Brasil”, também possui um capítulo exclusivamente interessado nas práticas funerárias adotadas pelos portadores da cerâmica Tupiguarani no atual território rio-grandense. Tal pesquisa foi desenvolvida no programa de pós-graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz.

Os achados humanos descritos e analisados foram localizados no sítio Lino Azevedo Pires de Lima e no sítio Manoel Mariano Machado, registrados pelo Prof. Dr. Pedro Augusto Mentz Ribeiro. Outros dois achados fortuitos, um pertencente à coleção de casa de cultura e outro a colecionador, também foram identificados pelo mesmo pesquisador e incluídos na dissertação. De acordo com Pestana, a área onde esses sepultamentos foram encontrados “*compreende os municípios de Mostardas e Tavares, ambos no litoral central, representando o núcleo do povoamento da tradição Tupiguarani*”. (Pestana, 2007: 113).

O sítio Manoel Mariano Machado possui dois sepultamentos. O primeiro deles (sepultamento 1) é referente a uma deposição primária, cujo corpo foi enterrado estendido, em decúbito dorsal e diretamente no solo. Um aspecto interessante, contudo, é que a calota craniana foi localizada em cerâmica Tupiguarani, enterrada em nível diferente do restante do corpo. (Pestana, 2007: 114).

A análise dos remanescentes indica que o esqueleto “*provavelmente representa um indivíduo adulto do sexo feminino que, de acordo com as suturas não-fusionadas, teria entre 20 e 25 anos de idade*”. (Pestana, 2007: 115). É importante destacar, porém, que Marlon Pestana não apontou quando e por quem os restos mortais foram analisados.

A calota craniana, contida em um vasilhame pintado com tampa corrugada, apresentava-se sem “*os dentes da arcada superior, que tinham ficado junto com a mandíbula*”, o que indica “*que a manipulação da calota teria sido feita quando o corpo já estava decomposto ou em decomposição*”. (Pestana, 2007: 115). Pestana caracteriza o enterramento do crânio, dentro da urna, como “*um sepultamento secundário, complementar da deposição primária*”. (Pestana, 2007: 116). Outra informação importante é o fato de o corpo ter sido encontrado acompanhado de “*36 pequenas barras feitas de conchas marinhas do gênero Adelomelon sp.*”, furadas nas extremidades e dispostas de modo a formar um colar. (Pestana, 2007: 117).

O segundo, sepultamento 2, pertencente ao mesmo sítio, foi encontrado em vasilhame pintado com tampa. Os remanescentes ósseos, no interior da urna, foram atribuídos a um “*jovem que poderia ter entre 15 e 20 anos; os ossos ainda estavam em formação e os dentes apresentavam pouca abrasão dentária*”. (Pestana, 2007: 118). Não há evidências de acompanhamento funerário neste caso. O autor também não aborda qual seria o sexo do indivíduo.

Sobre o sítio Lino de Azevedo Pires de Lima, o texto destaca a abertura de duas quadrículas na área, sendo que de uma delas foi extraída uma urna funerária (sepultamento 3), com presença de ossos de um indivíduo jovem. Essa estrutura consiste em um vasilhame corrugado e carenado, acompanhado de tampa com as mesmas características, no qual o morto foi depositado. Os ossos do interior da urna consistem em fragmentos da calota craniana, bem como em uma “*falange proximal do polegar, um fragmento do corpo da ulna e um corpo do rádio*”. (Pestana, 2007: 121). Também foram encontrados dentes avulsos, utilizados para identificar a idade do indivíduo. O estudo aponta que o esqueleto corresponde a uma criança entre seis e dez anos de idade, depositada sem acompanhamentos funerários. (Pestana, 2007: 121).

Da segunda quadrícula, foram extraídos elementos de outro enterramento em urna funerária (sepultamento 4). Embora os remanescentes ósseos estivessem danificados, foi possível identificar ossos longos, provavelmente de um indivíduo adulto. (Pestana, 2007: 122). Em laboratório, os fragmentos cerâmicos que compunham a estrutura funerária foram reunidos e colados, formando duas vasilhas corrugadas. (Pestana, 2007: 122).

Outras concentrações de material foram localizadas na área através de indicação do IBAMA de Mostardas; nelas foram encontradas duas urnas funerárias Tupiguarani (consideradas por nós como sepultamentos 5 e 6), as quais possuíam ossos humanos no seu interior. (Pestana, 2007: 120). É importante destacar, contudo, que infelizmente, o arqueólogo não descreveu estas estruturas.

Marlon Pestana aborda, ainda, sepultamento encontrado no sítio Bacopari I (sepultamento 7), situado em área de floresta de restinga. A estrutura funerária é composta por uma vasilha pintada de vermelho sobre branco, um crânio humano e fragmentos de cerâmica corrugada. A vasilha com o crânio no seu interior foi entregue à Casa de Cultura de Mostardas, a qual informou a localização do achado. Junto da cerâmica e do crânio também foram entregues à casa de cultura conchas marinhas, que o autor não pôde, por falta de dados, relacionar com a estrutura funerária.

Em relação aos remanescentes ósseos, conforme Pestana, são correspondentes a um indivíduo do sexo masculino. (Pestana, 2007: 124). De acordo com o texto, não existem evidências de que outros ossos, além dos do crânio, tenham sido depositados na urna. Nesse sentido, ele escreve: “*podemos concluir que temos nova deposição de um crânio em vasilha pintada com uma tampa corrugada*”. (Pestana, 2007: 125).

O último sepultamento abordado no trabalho (sepultamento 8) foi encontrado em Campo da Honra, Tavares. Sobre este achado, o arqueólogo ressalta ter poucos dados, mas que o mesmo consiste em um vasilhame com presença de um crânio, o qual está sob os cuidados do senhor que encontrou a estrutura. Não há informações sobre a presença do restante do corpo do indivíduo. Também não há evidências do vasilhame que serviu como tampa. Pestana acredita que a tampa deve ter existido, devido à boa conservação do crânio, que está completo e com todos os dentes preservados, embora a mandíbula não esteja presente. (Pestana, 2007: 126).

Sem apontar os critérios de análise, o autor escreve que o crânio, depositado em vasilhame pintado, pertenceu a uma mulher adulta. (Pestana, 2007: 126). Por fim, sugere que a vasilha, de tamanho reduzido, tenha sido utilizada apenas para abrigar o crânio, sem a presença de outras partes do morto. Nesse sentido, o sepultamento é semelhante ao achado no sítio Manoel Mariano Machado, depositado na urna sem a mandíbula.

Apesar de serem mencionados vários sítios arqueológicos, aparentemente todos os sepultamentos foram encontrados fora das habitações e em áreas com várias estruturas próximas umas das outras. Contudo, é importante frisar que esses aspectos foram mal explorados no texto, dificultando o nosso entendimento. Também se faz necessário destacar que apesar de a dissertação conter um capítulo inteiro sobre os achados humanos, não houve uma preocupação por dialogar com outros autores que exploram a temática. O capítulo apenas apresenta e descreve os dados. Ele também se preocupa por identificar o sexo dos indivíduos, mas sem elencar qual profissional teria feito as análises.

Entre os trabalhos interessados exclusivamente nas práticas mortuárias dos antigos grupos Tupi, podemos destacar o realizado por Letícia Müller e Sheila Mendonça de Souza, publicado em 2011. Em “Enterramentos Guarani: problematização e novos achados”, elas desenvolvem uma discussão em torno do conceito de urna funerária e analisam três sepultamentos localizados no oeste catarinense. Por fim, discutem sobre os achados, estabelecendo diálogo com outros autores.

Sobre o conceito de urna funerária, chamam a atenção para o fato de não existir no dicionário Guarani um termo próprio que corresponda a esta função, indicando que as

mesmas não eram confeccionadas originalmente para a finalidade de servirem como urnas. A pesquisa das autoras sugere, ao invés disso, que as grandes painéis eram reutilizadas para o contexto funerário conforme necessidade, o que explica a falta de um padrão de vasilhames empregados como urnas funerárias. Dentro dessa discussão, criticam a generalização do termo “urna funerária”, ressaltando que nem todas as cerâmicas grandes chegaram a abrigar corpos humanos. (Müller; Souza, 2011: 174).

A parte central do trabalho refere-se aos achados localizados entre o sítio ACH-SU-C2 e a barranca do rio Uruguai. De oito sepultamentos, apenas três restaram para salvamento arqueológico (estruturas 3, 4 e 5), os quais não foram afetados por máquina niveladora na construção da barragem Foz do Chapecó. Ao analisar as estruturas, as autoras preocuparam-se com o estado dos ossos, a articulação e a posição, a característica dos dentes, entre outros aspectos que aproximariam o estudo de uma pesquisa forense. O viés escolhido pode ser justificado pela formação acadêmica de Sheila Mendonça de Souza, médica pós-graduada.

A estrutura 3 apresentava remanescentes ósseos no interior, entre eles, ossos da tíbia, dentes, maxilar e mandíbula. Os dentes do indivíduo serviram para indicar o sepultamento de um adulto. Também convém destacar que o vasilhame que serviu como urna apresenta pintura. (Müller; Souza, 2011: 181). Não há indicação de que a urna funerária foi coberta por uma segunda vasilha que fizesse as vezes de tampa.

Quanto à estrutura 4, seria composta por uma urna funerária, vestígios humanos e uma segunda vasilha, interpretada pelas autoras como um acompanhamento funerário. As peças apenas apresentam decoração plástica. Quanto aos restos humanos, estavam em péssimas condições, porém, os dentes e os vestígios da mandíbula permitiram identificar um indivíduo imaturo de aproximadamente sete anos. (Müller; Souza, 2011: 182). Outro aspecto importante é o fato de alguns dos dentes terem sido encontrados no interior da segunda vasilha, acompanhados por contas líticas que formavam um adorno. (Müller; Souza, 2011: 187).

A última das estruturas, identificada pelo número 5, localizava-se próxima à anterior. De acordo com a descrição, trata-se da maior e mais complexa, formada por uma urna, uma tampa e por dois recipientes cerâmicos interpretados pelas autoras como acompanhamentos funerários. (Müller; Souza, 2011: 187).

Vestígios de ossos humanos, incluindo ossos do crânio, e de dentes de roedores (provavelmente intrusivos) estavam presentes; também foi identificado um basalto em associação:

*O achado, pela condição de preservação, leva a diferentes possibilidades interpretativas. Pode se tratar do sepultamento de partes de um corpo ainda conectadas por ligamentos ou músculos; de um sepultamento secundário com requintes de organização dos ossos; ou de um enterramento primário fortemente afetado pelos processos tafonômicos. A presença de rochas termóforas sugere que o corpo (ou os ossos parcialmente descarnados) foi sepultado acompanhado de alguns materiais. A presença de dentes de roedor na estrutura, associada às marcas de dentes de roedor na diáfise da tíbia esquerda, indica que o espaço interno da urna foi visitado por fauna fossorial que teve acesso ao cadáver, o que pode ter contribuído para a destruição diferencial dos despojos. (Müller; Souza, 2011: 203).*

As autoras ressaltam, por fim, que a urna funerária é pequena para um sepultamento do corpo inteiro, porém a “*persistência de algumas conexões anatômicas simétricas reforça a possibilidade de ser esse um sepultamento primário*”. (Müller; Souza, 2011: 203).

O texto contém, ainda, dados e problematizações de outras obras com presença de sepultamentos em urna semelhantes (e diferentes) aos vistos por elas. Obras estas que

possibilitam pensar as estruturas 3, 4 e 5, encontradas no oeste de Santa Catarina, contribuindo para a interpretação dos enterramentos Guarani de modo geral.

Ao revisitar o trabalho de diferentes autores, Müller e Souza chegam à conclusão de que “apesar de serem as práticas funerárias as que geralmente persistem no tempo para uma dada cultura, algumas mudanças e adaptações são observadas e as variações são inerentes”. (Müller; Souza, 2011: 207). Após esta ponderação, voltam a pensar especificamente sobre os sepultamentos já abordados (estruturas 3, 4 e 5), estabelecendo algumas comparações entre eles. Ressaltam, entre diversos outros aspectos, que todos os três sepultamentos em questão possuíam acompanhamentos funerários “como tembetás (estrutura 3), recipientes cerâmicos (todas as estruturas) e colar de contas (estrutura 4)”, sendo que o tembetá pode ser associado aos sepultamentos de indivíduos masculinos e o colar de contas, aos sepultamentos de crianças. (Müller; Souza, 2011: 210).

Por fim, o trabalho de Müller e Souza deixa uma questão a ser resolvida: “Sepultamento primário ou secundário para todos ou apenas para alguns Guarani”? (Müller; Souza, 2011: 214). As pesquisadoras acreditam que o trabalho levanta muitas dúvidas e estabelece poucas repostas conclusivas. Nesse sentido, apontam a necessidade de um olhar contínuo e cuidadoso para os achados arqueológicos, com o intuito de acumular dados que permitirão responder as questões levantadas.

### **Reflexão com Base nas Fontes Bibliográficas**

Em relação aos objetivos do nosso texto, esteve a intenção de identificar como os achados foram descritos, explicados e interpretados pelos arqueólogos. Assim, convém retomarmos alguns elementos das fontes bibliográficas.

Em primeiro lugar, destacamos que os autores privilegiaram a descrição em detrimento da reflexão. Entre os aspectos abordados, está a preocupação com as peças cerâmicas e a condição dos remanescentes ósseos. Essas descrições, por sua vez, nem sempre foram elencadas de forma completa, uma vez que certos textos apenas quantificam os sepultamentos, sem abordá-los um a um. (Ver Chmyz, 1974; Dias, 2009; Buarque, 2010), ou então, apenas sugerem a sua presença na região. (Ver Albuquerque, 2008; Maranca, 1969).

Faz-se necessário destacar que raramente as descrições referentes aos sepultamentos e aos sítios-cemitérios são relacionadas com o que outros arqueólogos identificaram em áreas próximas ou em sítios semelhantes. A exceção dessa regra foi identificada na tese de Klamt (2004) e no capítulo de Müller e Souza (2011). Ainda sobre a descrição, destacamos que elas quase sempre são complementadas pelas ilustrações dos sepultamentos e/ou dos sítios-cemitérios.

Em geral, a fundamentação teórica, referente à morte e às práticas mortuárias, ou o diálogo com outros autores, só aparece nos textos exclusivamente interessados nos sepultamentos, como é o caso da tese de Py-Daniel (2015), o artigo de Müller e Souza (2011) e, em menor grau, o trabalho de Buarque (2010) e o capítulo de Klamt (2014). É interessante destacar, contudo, que o capítulo da dissertação de Pestana, também inteiramente interessado nas práticas mortuárias, não se preocupa com a fundamentação teórica. (Ver Pestana, 2007).

As narrativas de época, produzidas pelos viajantes e cronistas europeus em contato com a América do início da colonização, são comumente empregadas nas fontes bibliográficas. (Ver Albuquerque, 2008; Dias, 2009; Buarque, 2010). Contudo, nenhum dos autores procurou submeter os documentos a crítica. Relatos etnográficos recentes também são cotejados com os dados arqueológicos antigos. (Ver Py-Daniel, 2015; Müller; Souza, 2011). Entre as autoras que realizam esse exercício, apenas Py-Daniel ressaltou

que não é possível fazer relações diretas entre os dados etnográficos e o contexto arqueológico remoto.

A maior parte dos sítios-cemitérios Tupi não constam nas pesquisas acadêmicas e nas publicações em geral, ficando seus dados restritos aos relatórios de campo. Dessa forma, as fontes bibliográficas aqui elencadas demonstram os sepultamentos, e as áreas de enterramento em geral, com muitas lacunas. Como consequência, nem todos os estados nacionais com presença de ocupações Tupi e, nesse sentido, com sítios-cemitérios dessa origem, puderam ser contemplados.

Quanto aos estados com maior número de sítios-cemitérios (Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul) se percebe que são aqueles sistematicamente escavados e estudados, especialmente durante os últimos anos. Mas eles não são capazes de indicar um maior tempo de ocupação na área ou uma maior densidade populacional. Seriam necessárias maiores informações, além dos dados referentes aos sepultamentos, para discutirmos essas questões.

### Considerações Finais

De forma resumida, o artigo evidencia que há, em geral, uma preocupação pela descrição dos sepultamentos em detrimento das interpretações; a fundamentação teórica, referente à morte e às práticas mortuárias, comumente é suprimida das pesquisas, assim como o diálogo com outros autores; as narrativas de época são citadas sem prévia crítica ao documento; e relatos etnográficos referentes aos grupos recentes também são usados nas fontes bibliográficas, mas, para o caso do Sul do Brasil, desacompanhados de crítica.

Nesse sentido, o presente trabalho aponta a necessidade de ampliar o conhecimento já existente sobre os achados humanos, através da comparação entre os dados, e a necessidade de rever noções e interpretações inconsistentes ou equivocadas, enraizadas na literatura arqueológica.

**Agradecimento:** À IPAT/UNESC a permissão de usar o relatório final inédito do Projeto de Salvamento Arqueológico da ZPE Imbituba, SC.

### Referências

- ALBUQUERQUE, M. 2008, Recipientes cerâmicos de grupos Tupi, no nordeste brasileiro. In: PROUS, André; LIMA, Tânia (Orgs). *Os ceramistas Tupiguarani*. Vol. I. Belo Horizonte: Sigma, p. 67-89.
- BUARQUE, A. 2010. As estruturas funerárias das aldeias Tupinambá da região de Araruama, RJ. In: PROUS, A.; LIMA, T. (Orgs). *Os ceramistas Tupiguarani*. Volume III – Eixos temáticos. Belo Horizonte: Superintendência do Iphan em Minas Gerais, p. 149-172.
- CHMYZ, I. 1974. Dados Arqueológicos do baixo rio Paranapanema e do Alto rio Paraná. *Publicações Avulsas do Museu Paranaense Emílio Goeldi*, n. 10: 95-118.
- DIAS, O. A. 2009. Tradição Tupiguarani no estado do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Ana Paula (Org.). *Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani*. Juiz de Fora: EDUFJF, p. 65-88.
- ETCHEVARNE, C. 2009. Os grupos Tupi na Bahia: uma abordagem arqueológica. In: OLIVEIRA, Ana Paula (Org.). *Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani*. Juiz de Fora: EDUFJF, p. 111-130.
- IPAT/UNESC. 1999. *Projeto de salvamento Arqueológico da ZPE Imbituba. Relatório Final*. Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense. UNESC.
- KASHIMOTO, E.M., MARTINS, G.R. 2009. *Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Life editora.
- KLAMT, S.C. 2004. *Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da tradição cerâmica Tupiguarani*. Porto Alegre, PUCRS. (Tese de Doutorado).
- LOPES, M. 2014. *Ocupação Tupinambá no Vale do Paraíba Paulista: Vista a partir da análise do sítio arqueológico Santa Marina*. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado).

MARANCA, S. 1969. Dados Preliminares sobre a arqueologia do estado de São Paulo. *Publicações avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi* n. 13: 133-142.

MÜLLER, L.; SOUZA, S.M. 2011, Enterramentos Guarani: problematização e novos achados. In: CARBONERA, M., SCHMITZ, P.I. *Antes do Oeste Catarinense. Arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Argos, p.167-218.

OLIVEIRA, A.P.L. (Org). 2009. *Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani*. Juiz de Fora: EDUFJF.

PEREIRA, E; SILVEIRA, M.C.L; RODRIGUES, M.J; COSTA, C.J.A; MACHADO, C.L. 2008. A Tradição Tupiguarani na Amazônia. In: PROUS, A.; LIMA, T. (Orgs). *Os Ceramistas Tupiguarani*. Vol. I – Sínteses Regionais. Belo Horizonte: Sigma, p. 49-66.

PESTANA, M. 2007. *A Tradição Tupiguarani na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul, Brasil*. São Leopoldo: UNISINOS. (Dissertação de Mestrado).

PROUS, A.; LIMA, T. (Orgs). 2010. *Os Ceramistas Tupiguarani*, Vol. I, II, III. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais.

PY-DANIEL. A. 2015. *Os contextos funerários na Arqueologia da Calha do Rio Amazonas*. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado).

SCHIAVETTO, S. 2007. *Arqueologia regional e educação: Propostas de estudo sobre “um passado excluído” de Araraquara, SP*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. (Tese de Doutorado).

SCHMITZ, P.I; BARBOSA, A.S; MIRANDA, A.S; MIRANDA, A.F; RIBEIRO, M.B; BARBOSA, M.O. 1996. Arqueologia nos cerrados do Brasil central – Sudoeste da Bahia e Leste de Goiás. O Projeto Serra Geral. *Pesquisas, Antropologia* 52. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas.